

**Teorização Portuguesa do Jornalismo até 25 de Abril de 1974 – Ficha de obra**

<b>Autor</b> FRAGA, Gustavo		<b>Ano de elaboração (caso não coincida com ano de publicação)</b>	<b>Ano de publicação/impressão</b> 1958
<b>Título completo da obra</b> <i>As Técnicas de Informação e o Pensamento Contemporâneo</i>			
<b>Tema principal</b> Teoria do Jornalismo			
<b>Local de edição</b> Lisboa	<b>Editora (ou tipografia, caso não exista editora)</b> Revista de Filosofia		<b>Número de páginas</b> 15 Páginas
<b>Cota na Biblioteca Nacional e eventualmente noutras bibliotecas públicas</b>			
<b>Biblioteca:</b> Biblioteca Nacional do Porto		<b>Cotas:</b> S. A. 20639 V.	
<b>Biblioteca:</b> Universidade Católica Biblioteca João Paulo II		<b>Cotas:</b> 1(041) SER – 3	
<b>Esboço biográfico sobre o autor ou autores (nascimento, morte, profissão, etc.)</b> Gustavo Fraga nasceu em 1922 e faleceu no dia 15 de Novembro de 2003 (morreu aos 81 anos). Dedicou mais de 14 anos da sua vida à Universidade dos Açores, desde a sua fundação (1976), aposentando-se em 1990. Atingiu a categoria de professor catedrático em 1981. Com percurso académico, Gustavo Fraga escreveu várias obras e artigos, tendo total interesse na área Filosofia Moderna e Contemporânea, entre outros. É uma referência na cultura e na filosofia em Portugal, sendo uma das mais destacadas personalidades do mundo académico, na área da filosofia. Exerceu, ao mesmo tempo, o papel de jornalista na capital portuguesa.			
<b>Índice da obra</b> [Não tem índice]  As técnicas de informação e o pensamento contemporâneo: pp. 3-5 A presença da cultura: pp. 5-8 O conceito de massa e outras visões filosóficas do mundo da comunicação e da cultura: pp. 8-10 A transmissão noticiário radiofónico e a educação para a rádio: pp. 10-11 A informação e a difusão de notícias: pp. 11-11 A essência de informar e de ser informado pela rádio e imprensa: pp. 12-14 O papel do jornalista, o agente da humanidade: pp- 14-15			
<b>Resumo da obra (linhas mestras)</b>			

A obra aqui resumida foi publicada na revista *Filosofia*. Nela, Gustavo de Fraga discorre sobre as técnicas de informação e o pensamento contemporâneo. Para o autor, considerando “na relação (...) pela copulativa, entre as técnicas de informação e o pensamento contemporâneo”, a informação é vista como uma “técnica restrita” (p.3).

Dirigindo-se apenas às “técnicas” informativas da rádio e da imprensa, o autor fala do pensamento contemporâneo através de “filósofos de cada povo”, ou seja, sobre uma “forma reflexiva” dos dois difusores de informação (rádio e jornais) transmitirem a existência do homem no mundo (p. 4).

Olhando para a rádio e a imprensa “como actividades vitais primaciais”, ambos “encontram eco” nos jornalistas, metamorfoseados em “pensadores” (p. 4).

Reportando-se aos jornalistas, diz que eles são concisos quando se tratar de informar os outros: “o redactor tem de encontrar a sua coordenada exacta (...) sobre a essência do serviço que lhe é entregue (...), dando ou evitando notas emocionais e pessoais, servindo ou não interesses”. Porém, “O repórter pode dominar o acontecimento, vivê-lo” (pp. 5).

Para o autor, a nossa consciência não nos permite conhecer a realidade cultural, “sempre em crise”, fragmentada e múltipla, o que tem reflexos no jornalismo.

Num segundo ponto da sua obra, o autor reflecte sobre o conceito de “massa”, contrapondo a posição de Ortega y Gasset, de massa como homem médio, ao conceito de massa de Jaspers, do homem indiferenciado. A comunicação social usaria duas linguagens para lhe chegar: a da tranquilidade e a da sedição.

O terceiro ponto do texto de Gustavo de Fraga realça as conexões entre a rádio e a imprensa:

“Apesar da tendência que se regista em todo o mundo para transformar os serviços de radiodifusão em serviços públicos, dotados de funcionários privativos, são evidentes as relações entre a informação da rádio e a informação da imprensa. Como na empresa de imprensa diária, a rádio precisa de ter montada a sua informação para funcionar com relativa independência, e até, pró vezes, prevê o contrato como meio de obter jornalistas qualificados para execução dos programas informativos.” (p. 10)

Para o autor, a rapidez com que se tem de fazer uma notícia para rádio e o facto de esta ser oralizada e imediatamente escutada por milhões de ouvintes “não justifica o traçamento de um fosso entre a rádio e a imprensa” (p. 10). Ainda assim, Gustavo de Fraga explica que a rádio “exige uma educação (...) do jornalista, com atenção às exigências da palavra dita” (p. 10). Porém, a rádio também exigiria uma educação por parte do público, “que só se consegue efectivamente a partir dum determinado nível de cultura” ou do hábito. Quando o público não é educado para ouvir rádio, poderiam, na versão de Gustavo de Fraga, ocorrer “mal-entendidos”, provocados pela audição imperfeita de notícias, por mais clareza com que estas tenham sido escritas e ditas. A educação para a rádio, de acordo com o autor, teria de começar nas escolas, conforme ocorria já em vários países.

O ponto seguinte do trabalho de Fraga desenvolve-se em torno do conceito de trocas informativas e dos processos culturais, agregadores ou desagregadores, que essas trocas desencadeiam. Para tecer o seu raciocínio, Fraga recupera o conceito de massa de Gabriel Marcel (“humano degradado”) para mostrar que não é possível uma educação das massas, somente das pessoas, porque as massas, tal como pretendia Jaspers, são seduzidas pela propaganda e fanatizáveis. Por isso, Marcel, citado por Fraga, desconfia da rádio, sedutora, tal como dela desconfia Joseph Roth, que lhe atribui um papel satânico. Mais: “O privilégio da omnipresença que a rádio empresta aos homens poderá conferir a uma inteligência (...) universal um papel eminente, mas (...) a facilidade de o homem transcender a sua condição sem esforço, pelo meio técnico, facilita a degradação” (p. 11). Diga-se, porém, que Jaspers, parafraseado por Fraga, tem uma concepção neutral das técnicas de divulgação e de informação e até as vê com certo optimismo, ao contrário de Marcel, pois considera que os meios de comunicação abrem “possibilidades insuspeitadas” ao homem.

“O privilégio da omnipresença que a rádio empresta aos homens poderá conferir a uma inteligência verdadeiramente universal um papel eminente, mas o que acontece é que a facilidade de o homem transcender a sua condição sem esforço, pelo meio técnico, facilita a degradação. O dom prodigioso da ubiquidade perde a sua virtude ao ser atribuído a um homem qualquer” (p. 12), diz Gustavo de Fraga, acentuando que o facto da rádio ser escutada, genericamente, por homens comuns (a “massa”) lhe retirar parte das suas potencialidades mais positivas.

Gustavo Fraga aponta que Marcel e Jaspers dão importância à comunicação, tendo ambos participados activamente nos periódicos e emissoras do seu tempo. “Alcançaram a familiaridade do microfone”, salienta o autor. No seguimento da apresentação desta proposição, Fraga cita, mais uma vez, Jaspers, segundo o qual o jornal se converte “como ideia na possibilidade duma realização grandiosa da cultura das massas, recria, por assim dizer, uma nova dimensão, a consciência da época, espalhando o que sem ele seria apenas património de alguns.”

Qual seria, então, o trabalho de um jornalista consciente, na versão de Fraga? O de traduzir o mundo “em termos simples e acessíveis na linguagem simples da informação” e o de intervir “nas ideias que os homens têm como massa”, pelo que é “digno do maior respeito” (p. 12) Além disso, “O jornalista participa na criação do momento, emprestando o verbo ao «agora».” (p. 12)

O jornalismo, porém, enfrenta, de acordo com Gustavo de Fraga, dois grandes perigos: subordinar-se às exigências da massa e dos poderes político-económicos. Quando ambos confluem para o jornalismo, e triunfam, causam a degradação da informação. “Por isso, já que sem imprensa, sem informação, o mundo moderno não pode viver”, é preciso, clama Fraga, reconhecer o “magistério” do jornalista sobre as massas.

No desfecho do livro, Augusto Fraga coloca em evidência quanto os pensadores modernos reflectiram sobre a informação. Para ele, “a imprensa e a rádio constituem diariamente a

teia intersubjectiva da consciência da época”, pelo que “o jornalista é um dos mais categorizados e responsáveis funcionários da humanidade”. Mesmo que as condições técnicas condicionem a expressão, o jornalista, prossegue Gustavo de Fraga, “está na vanguarda de todos os que mantêm despertas as possibilidades de reacção do ser humano disperso na massa, se tomar consciência (...) da missão a que é chamado”.

Sintetizando a sua posição, Gustavo de Fraga afirma: “A informação exige (...) um elevado grau de cultura e de reflexão dos espíritos. (...) A chamada ao humano é sempre possível, dentro de condições éticas em que o jornalismo tenha presente a condição do homem como consciência” (p. 14). Embora reconheça as pressões sobre a actividade jornalística e os receios decorrentes da omnipresença dos media e da atenção que estes despertam, bem como da “emotividade comunicativa” da rádio, o autor salienta que “O jornalismo será sempre em grande parte o que for o jornalista, dependerá (...) da sua maturidade cultural e do seu escrúpulo e sentido de responsabilidade.” (p. 15) Mesmo o conceito de massa não pode representar, para Fraga, um homem “anti-humano e antipessoal”.

Para encerrar, o autor diz: “Mundo de aventura e de novidade que o é, o jornalismo é transmissão e recriação por um meio próprio de expressão (...). Quem não adivinhará nele uma nova forma de contacto pessoal, reduzindo distâncias, repondo um pouco o homem moderno na cena gigantesca dum mundo com que pode entrar em contacto, criando uma cena (...) análoga à da pequena praça ateniense.” (p. 15)

**Autor (nome completo):** Carla Sofia Amaro de Assunção

**E-mail:** [camaro11@hotmail.com](mailto:camaro11@hotmail.com)